

Léxico de línguas autóctones africanas presente no português falado na comunidade de Mussuca, no estado de Sergipe

Lexicon of native african languages present in portuguese spoken in Mussuca community, Sergipe state

Josimar Santana SILVA¹

Silvana Silva de Farias ARAÚJO²

RESUMO: O trabalho tem como objetivo identificar as lexias de origem africana presentes na variedade do português falado no Brasil, tomando como base a comunidade de fala quilombola Mussuca, no estado de Sergipe, a fim de colaborar com as teorias de que o contato linguístico contribuiu de forma significativa para a constituição do português brasileiro. Para a investigação, empregaram-se os princípios da lexicografia moderna, que consistem na utilização de corpus e ferramentas computacionais para produção de uma obra lexicográfica. Assim sendo, utilizou-se o corpus constituído a partir de gravações de entrevistas na comunidade Mussuca, no estado de Sergipe e a ferramenta computacional AntConc para seleção das lexias. Os resultados mostraram que muitas lexias estão em uso constante pelos membros da comunidade de fala, o que comprova o pressuposto de que, além do legado cultural, os africanos enriquecem o acervo lexical do português brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: Português brasileiro. Léxico. Línguas africanas. Contato linguístico.

ABSTRACT: The work presented the objective of identifying the lexias of African origin present in the variety of Portuguese spoken in Brazil, taking as a basis the community of quilombola Mussuca, in the state of Sergipe, in order to collaborate with the theories that linguistic contact contributed significantly to the constitution of Brazilian Portuguese. The principles of modern lexicography. Which consists in the use of corpus and computational tools for producing a lexicographic work, were used for the research, and the corpus was based on recordings of interviews in the Mussuca community, in the state of Sergipe and the Antconc computational tool for lexical selection. The results showed that many lexias are in constant use by members of the speech community, which proves the assumption that, in addition to the cultural legacy, Africans enrich the lexical collection of Brazilian Portuguese.


KEYWORDS: Brazilian Portuguese. Lexicon. African languages. Linguistic contact.

Introdução

O português é uma língua neolatina que nasceu da influência do latim vulgar, árabes e das diversas tribos que existiam na região da Península Ibérica. Todavia o seu contato com as demais nações contribuiu ainda mais para a sua diversidade, no que se

¹ Doutorando em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL), da Universidade Estadual de Feira de Santana. E-mail: Josimaa.santanna@hotmail.com. ORCID: 0000-0003-2897-3480.

² Professora Titular de Língua Portuguesa do Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). E-mail: silvana.uefs.2014@gmail.com. ORCID: 0000-0001-5561-3179.

 <https://doi.org/10.51951/ti.v12i26.p177-190>

Travessias Interativas / São Cristóvão (SE), n. 26 (vol. 12), p. 177-190.

refere à incorporação de novos elementos lexicais, além de modificações de ordem morfológica, sintática, semântica, morfossintática, fonética, fonológica e pragmática.

O contato entre o português e outras línguas fora da Península Ibérica, sobretudo as autóctones africanas, contribuiu para uma variação por meio da inclusão de novas unidades lexicais que não de origem portuguesa. Nas regiões em que a língua portuguesa se constituiu enquanto oficial, sofreu influências de línguas já existentes nesses territórios ou daquelas que foram transplantadas para lá, como é o caso do Brasil em que o português aqui falado foi influenciado pelas línguas indígenas e, posteriormente, africanas.

O contato linguístico trouxe consigo uma implicação que, certamente, foi a mudança linguística. Observar essas mudanças no português brasileiro envolve um processo histórico e social em sua construção e, assim sendo, torna-se de extrema importância perceber o contato linguístico como um dos fundamentos para construção dessa variedade. É importante lembrar que essa situação de contato, como afirma Petter (2008), foi o resultado da exploração do continente africano pelos portugueses e ocasionou consequências linguísticas inesperadas para os que dele participaram desse processo.

Assim, a língua portuguesa que foi transplantada para África e América sofreu adaptações aos novos ambientes em que estava sendo utilizada, como se percebe no acervo lexical do português brasileiro. Isso se deu porque, como afirma Petter (2008), “os falantes que a adquirem como segunda língua poderão introduzir modificações gramaticais, além de, eventualmente, transferir para o léxico do português categorizações próprias de suas línguas maternas” (PETTER, 2008, p. 71).

Diante disso, o presente trabalho apresenta como objetivo identificar as lexias de origem africana presentes na variedade do português falado no Brasil, tomando como amostra a comunidade quilombola Mussuca, no estado de Sergipe, colaborando com o pressuposto de que o contato linguístico contribuiu de forma significativa para a constituição do português brasileiro.

O contato entre línguas e a formação do português brasileiro

A constituição do português brasileiro teve participação das línguas indígenas e africanas que colaboraram para a formação da identidade linguística nacional. Diante dessa situação, a sociolinguística, nessa pesquisa, se encarregou também de estudar as influências que tais línguas, especialmente as africanas, exerceram para a variação linguística ocorridas no português brasileiro, considerando, sobretudo, as influências lexicais deixadas pelos povos africanos.

Petter e Cunha (2016) sustentam que a presença dos povos africanos foi significativa no decorrer da formação da nação brasileira. Afirmam ainda que, de acordo com os dados populacionais do Brasil colônia, até meados do século XIX, a quantidade de portugueses e seus descendentes era apenas de um terço e o restante, dois terços, eram de africanos e indígenas. No entanto, “Os africanos correspondiam à maioria e foram distribuídos pela maior parte do território nacional, fato que provocou sua maior interação com grande parte da sociedade da época” (PETTER; CUNHA, 2016, p. 221).

Diante dessa informação, não se pode negar que os povos africanos deixaram um grande legado no que se refere à formação da sociedade brasileira, muito menos

desaperceber a sua participação na composição cultural e linguística do português brasileiro.

As razões pelas quais os africanos foram trazidos para o Brasil eram meramente econômicas, isto é, ser escravizados na cultura da cana-de-açúcar, do fumo, do ouro, do algodão, do café, do arroz e na colheita de iguarias (BONVINI, 2008).

Bonvini (2008) mostra ainda que suas respectivas línguas foram transplantadas a partir do momento em que houve a importação dessa mão de obra. Estima-se que essa importação tenha sido efetivada em grandes ciclos, a saber, o ciclo de Guiné, ocorrido no século XVI; o ciclo do Congo e de Angola, no século XVII; o ciclo da costa da Mina e da Baía do Benim, no século XVIII e; no século XIV os negros eram importados de diversos lugares da África, no entanto, predominavam os de Angola e de Moçambique (BONVINI, 2008).

É importante salientar que o contato entre as línguas africanas tenha sido promovido já durante o traslado, uma vez que os negros eram agrupados nos porões dos navios e, inevitavelmente, praticavam a comunicação entre si. O contato das línguas africanas com a portuguesa, certamente, ocorreu também durante o processo de captura e importação dos africanos.

Dentro da perspectiva do contato linguístico, Petter (2011) ressalva que o léxico tem sido registrado como uma das mais importantes provas do contato de línguas, visto que ele revela a história da língua e registra, conseqüentemente, aos possíveis contatos linguísticos e culturais de seus falantes.

O contato entre as línguas já existia no continente africano antes mesmo da colonização portuguesa, uma vez que a África abriga grande quantidade das línguas do mundo. Embora cada sociedade tivesse a sua língua, não eram isoladas, pois praticavam a comunicação entre as organizações mais próximas por razões políticas, sociais ou econômicas.

Segundo Petter (2016), as mais de 2.000 línguas africanas não caracterizavam um obstáculo para a comunicação, porque os indivíduos estavam acostumados aos contatos com as línguas das comunidades mais próximas e de seus parceiros comerciais. No entanto, com o fenômeno da colonização essa realidade passa a ter uma nova dinâmica de convivência linguística, uma vez que o colonizador utiliza sua língua como forma de dominação, desvalorizando, assim, as línguas autóctones.

No que se refere ao contato da língua portuguesa com as línguas africanas, Lucchesi (2009) afirma que não gerou uma língua crioula, mas uma variedade de português. Esse processo, denominado transmissão linguística irregular, deixou marcas linguísticas muito relevantes para a formação dessa variedade.

Breve histórico sobre a escravidão no estado de Sergipe

Não é novidade afirmar que o ciclo da escravidão que mais perdurou foi no Brasil. De acordo com Castro (2005), a população de africanos que foi transplantada para o Brasil foi cerca de 5 milhões, um quantitativo que superou o número de portugueses e outros europeus. Isso comprova o fato de que os afrodescendentes exerceram uma participação muito vasta para a formação da identidade cultural e linguística do Brasil.

Quando os portugueses chegaram ao Brasil, logo identificaram as impossíveis condições de extração mineral. Nesse sentido, a mão de obra escrava foi acionada, uma vez

que já existiam possibilidades de tráfico de pessoas africanas para o território. Salienta-se que o tráfico de africanos representou para Portugal um grande negócio, haja vista que se tratava de mão de obra gratuita que a colônia precisava para garantir a sua lucratividade.

Os africanos foram espalhados por todo o território brasileiro para exercer essa mão de obra. Em diversas regiões do Brasil destacava-se uma economia diferente, como a criação de gado, lavoura de café, extração de materiais preciosos, cultivo de iguarias e as grandes lavouras de cana-de-açúcar.

O Estado de Sergipe foi uma capitania e, logo depois, tornou-se a província de Sergipe Del Rey, que tinha como base econômica a agricultura. São Cristóvão, sua capital, não era grande, tinha pouca população, demandando uma baixa oferta de serviços. Os portos da província não exerciam uma autonomia para a exportação de produtos nem chegada de africanos, assim, os que ali eram escravizados vinham da Bahia (CARMO, 2016). Segundo Carmo (2016), no final do século XVIII, a região passou a produzir açúcar em grande quantidade, precisando de maior número de mão de obra escrava.

Salienta-se que a história dos povos africanos em Sergipe começou quando primeiros colonizadores ali se constituíram. Sousa (2010) mostra que, em alguns lotes de criação de gado, distribuídos em nome do rei de Portugal (sesmarias), existem também registros de negros escravizados, no entanto, o maior registro da sua presença encontra-se nas solicitações de sesmeiros³ que desejavam cultivar gêneros alimentícios, de forma especial, a cana-de-açúcar.

Os africanos escravizados em Sergipe eram pouco espalhados, exerciam sua mão de obra basicamente na criação do gado e da agricultura, sobretudo, nos grandes engenhos. Dessa forma, a presença dos africanos tornou-se um elemento muito marcante nos canaviais daquela região.

Muitos africanos escravizados fugiam das propriedades e dos engenhos onde exerciam a sua mão de obra escrava, e encontravam-se em comunidades escondidas formadas por outros africanos na mesma situação, formando, assim, os chamados quilombos. No estado de Sergipe, muitos quilombos foram formados, entre eles, o de Mussuca, no município de Laranjeiras.

Segundo Almeida (2017), as informações precisas sobre a procedência dos povos escravizados em Sergipe ainda são poucas e incompletas. Todavia há alguns estudos que comprovem a população de africanos nesse território em um determinado período de tempo, exemplo da pesquisa de Souza (1943) que constatou ter, no ano de 1808, 19.954 africanos escravizados, cerca de 30 mil mestiços, 20 mil brancos e 1.500 indígenas, e a pesquisa de José Honório Rodrigues⁴, indicando que, no ano de 1823, a população de Sergipe era de 120.000 habitantes, sendo que 88.000 eram livres e 32.000 de pessoas escravizadas.

No que concerne à região em que havia africanos em situações análogas à escravidão em Sergipe, Almeida (2017) afirma que:

o Cotinguiba possuía 21.687 com 39,09% dos cativos, a Mata de Sul tinha 12.644 com 22,60%, o Agreste-Sertão São Francisco 13.506 com 24,14%, o Agreste-Sertão Itabaiana 4.266 com 7,62%, e por fim o Agreste-Sertão Sul com 3.661,

³ Denominação dada àqueles que receberam, no Brasil Colônia, terras para cultivar. Esse sistema de doação de terras, chamado de sesmaria, era feito através de cartas de doação, que tinha como objetivo atrair novos colonos ao Brasil.

⁴ Pesquisa citada por Almeida (2017).

representando o menor índice de cativos 6,54% (ALMEIDA, 2017, p. 6).

Os dados levantados na pesquisa de Almeida (2017) mostram que a concentração de africanos no estado de Sergipe esteve na região do Cotinguiba, que se situa no município de Laranjeiras, elevada à categoria de vila em 1832 (FRANÇA, 2021).

Miranda e Barbosa (2018) afirmam que, no decorrer do século XIX, Laranjeiras se desenvolveu devido ao advento da produção de açúcar, o que lhe conferiu o título de povoação mais rica de Sergipe Del Rey. Vale ressaltar ainda que Laranjeiras foi um grande polo açucareiro e, entre as sete capitanias, era a primeira que continha um maior número de africanos escravizados, como mostrado na Tabela 1.

Tabela 1 - Quantidade de negros escravizados nas sete capitanias de Sergipe Del Rey no século XIX.

MUNICÍPIO	ENGENHOS	NEGROS ESCRAVIZADOS	LIVRES
MARUIM	20	542	37
SÃO CRISTÓVÃO	26	954	106
ESPÍRITO SANTO	27	373	482
ESTÂNCIA	44	822	442
DIVINA PASTORA	59	1.408	446
LARANJEIRAS	61	1.945	192
SANTA LUZIA	65	498	462
TOTAL	302	6.542	2.167

Fonte: Amaral (2012)

A tabela mostra que das sete capitanias, Laranjeiras ocupa o primeiro lugar em que houve maior presença de africanos escravizados (1.945) com 61 engenhos. É importante destacar que este fato contribuiu para formação da comunidade Mussuca, uma vez que tem sua gênese na fuga dos africanos cativos.

Caracterização da comunidade de Mussuca

A comunidade quilombola Mussuca pertence ao município de Laranjeiras, no estado de Sergipe, está localizada às margens do rio Cotinguiba, na chamada Zona da Cotinguiba. Sua localização é muito próxima aos antigos engenhos Pilar, Ilha, Pindoba e Gravatá.

São poucos os registros escritos da formação da comunidade, na verdade, o que se sabe sobre sua formação vem sendo documentada nas últimas décadas com pesquisas sobre a cultura do lugar. De acordo com Santos (2016), a sua história é constituída por meio de narrativas que são repassadas de geração em geração, descrevendo a origem da comunidade a partir das fugas dos africanos escravizados no período do Brasil Colônia.

Mussuca apresenta traços históricos que estão fortemente relacionados à própria história do lugar, sua cultura e ancestralidade africana. Esses traços são expressos nos

modos de vida da comunidade, nas manifestações culturais, religiosas e, certamente, nas marcas linguísticas.

De acordo com Barbosa (2014), a comunidade de Mussuca é referenciada em Sergipe como “reduto” da cultura afrodescendente do estado, uma vez que a Fundação Cultural Palmares atribuiu ao lugar o título de comunidade remanescente quilombola em 1º de março de 2004, pelo decreto lei número 4887/2003.

A comunidade preserva muitos traços culturais dos indígenas, portugueses e negros que ali habitaram (COSTA, 2019). Diante disso, embora não existam pesquisas que atestem a presença de um acervo lexical rico em marcas africanas, é possível que os traços desses povos tenham influenciado na formação do repertório linguístico de Mussuca.

A formação de Mussuca não foi muito diferente da dos outros quilombos brasileiros, a comunidade abrigava grande extensão da Mata Atlântica, o que facilitava a fuga dos africanos que fugiam das senzalas.

Situada a 70 m de altitude em relação ao nível do mar, a comunidade parece ter sido estrategicamente implantada, de modo a funcionar como um refúgio protegido pela vegetação de Mata Atlântica, mas próximo de antigos engenhos e senzalas para garantir sua sobrevivência por meio de laços de solidariedade e proteção (LIMA, 2019, p. 98).

Assim, percebe-se que a comunidade, além de ter uma localização relativamente estratégica, garantia aos africanos fugitivos uma maior segurança com relação a sua sobrevivência. É importante salientar ainda que esse fato consolidou uma expressiva organização de solidariedade entre integrantes dos quilombos, formada por africanos escravizados e libertos, originando, portanto, uma comunidade marcada por traços étnicos africanos que resistem até os dias atuais.

Metodologia

O *corpus* utilizado é composto por 12 entrevistas realizadas na comunidade de Mussuca, interior do estado de Sergipe no ano de 2019. Pertence ao Projeto de Pesquisa de Pós-Doutoramento da professora Silvana Silva de Farias Araújo – UEFS, intitulado *Caracterização do português popular falado em comunidades rurais afro-brasileiras da Bahia e de Sergipe: documentação de comunidades de práticas afro-brasileiras para o estudo de contatos linguísticos*.

Para nortear as entrevistas, foi elaborado um roteiro com perguntas prévias, a partir de aspectos relacionados à cultura do lugar, o modo de vida dos participantes, tradições, lembranças da infância, religião, ocupação e outros. É importante destacar que esse roteiro no decorrer das entrevistas, sofreu adaptações conforme o seu desenvolvimento e às situações em que foram concretizadas.

Levando em consideração os princípios da lexicografia moderna, que consiste na utilização de *corpus* e ferramentas computacionais para produção de obra lexicográfica,

observaram-se, primeiramente, as lexias⁵ e, com o auxílio da ferramenta computacional *AntConc*, foi elaborada uma lista de palavras passíveis de análise.

O *AntConc* é um *software* livre e tem a vantagem de ser um arquivo bastante leve, dispensando, assim a necessidade de instalação. É uma ferramenta computacional desenvolvido por Lawrence Anthony e disponível para acessar em sistemas operacionais Windows, Mac e Linux.

O programa para esta pesquisa teve a função de compilar e selecionar as lexias existentes no *corpus* em análise. A interface dessa ferramenta é muito simples, em uma própria janela, é aceitável navegar por diferentes opções de análise.

Salienta-se que, pela limitação que apresenta este trabalho, não puderam ser analisadas todas as entrevistas, assim sendo, selecionou-se uma para compor a amostra e possíveis análises.

A pesquisa consistiu em analisar todas as lexias encontradas na entrevista, para tal, fez-se necessária a sua organização em arquivo no *Microsoft Word*. Em seguida, o arquivo selecionado foi convertido para o formato txt, único aceito pela ferramenta computacional *AntConc*.

Após esse processo, carregou-se o arquivo já convertido em txt no programa e uma lista com todas as lexias presentes na entrevista foi criada de forma automática, acionando no menu *Wordlist* do programa utilizado.

Posteriormente à criação dessa lista, as lexias foram analisadas considerando os verbetes de Castro (2001, 2002), além de ser consultado também o dicionário kimbundu-português, de Assis Júnior (1947).

Foram realizadas as análises das lexias confirmando, nas obras citadas, suas acepções e as abonações encontradas no *corpus*. Ressalta-se que as apreciações seguiram uma perspectiva semasiológica⁶ que parte do significante para o seu significado.

Léxico de origem africana no português falado na comunidade de Mussuca, no estado de Sergipe

É inegável a intensa participação dos povos africanos na composição do acervo lexical do português falado no Brasil. Petter (2013) defende a ideia de que isso ocorreu devido ao contato entre as línguas. Esse acervo está registrado nos inventários lexicais de base africana no português brasileiro. Diante disso, afirma-se que o léxico⁷ de origem africana contribuiu de forma intensa para a constituição do português brasileiro.

⁵ “Forma que um lexema assume no discurso” (BIDERMAN, 1984, p. 140). O lexema, por sua vez, é a unidade fundamental do léxico.

⁶ Parte da lexicologia que se preocupa com o estudo da palavra. De acordo com Couto (2012), a palavra pode ser analisada considerando duas perspectivas: onomasiologia e semasiologia, ambas têm a ver com a relação palavra-coisa. A perspectiva onomasiológica parte da coisa para o nome que ela recebe, ou seja, parte do significado para chegar até o significante. Já a perspectiva semasiológica, utilizada no presente trabalho, faz o percurso inverso, isto é, parte do significante para chegar ao significado.

⁷ O léxico, de acordo com Antunes (2012, p. 27), pode ser visto como o amplo repertório de palavras de uma língua, ou o conjunto de itens à disposição dos falantes para atender às suas necessidades de comunicação. Ao lado da gramática, mais especificamente junto à morfossintaxe e à fonologia, o léxico constitui o outro grande componente da língua. Para Rey-Debove (1984, p. 50) o léxico é, comumente, entendido como “o conjunto das palavras de uma língua”.

 <https://doi.org/10.51951/ti.v12i26.p177-190>

Travessias Interativas / São Cristóvão (SE), n. 26 (vol. 12), p. 177-190.

Muitas palavras⁸ de origem africana que estão presentes no português falado no Brasil foram incorporadas à língua, esse fenômeno pode ser denominado de empréstimo lexical, que é inerente a qualquer língua.

Bonvini (2008) afirma que o “empréstimo linguístico é um fenômeno sociolinguístico normal e frequente. Resulta do contato de línguas. Durante esse contato, ocorre habitualmente uma troca bilateral entre falante que usam línguas diferentes” (BONVINI, 2008, p. 103). Assim, é possível perceber que a língua portuguesa ao entrar em contato com as línguas autóctones africanas passou por esse processo de importação lexical⁹.

O empréstimo linguístico, por assim dizer, “é a capacidade corrente e normal de toda língua apropriar-se dos termos necessários a sua própria expressividade, qualquer que seja a sua origem, quando o contexto discursivo novo exige” (BONVINI, 2008, p. 103).

O português brasileiro é carregado de lexias de origem de línguas autóctones africanas¹⁰, no entanto, a maioria dos dicionários gerais não faz alusão à origem dessas palavras, desconhece a sua etimologia ou atribui uma nova acepção, o que faz o usuário da língua não perceber esse fenômeno. A fim de confirmar a presença de lexias de origem africana presentes no português brasileiro, o Quadro 1 procura demonstrar a inserção e seu uso cotidiano na comunidade de fala.

Quadro 1 - Lexias de base africana presentes no português brasileiro

VERBETE	ORIGEM	ACEPÇÃO
ABAÚ	Não encontrada	Castro (2001; 2002) não registra a lexia. No entanto percebe-se que se refere a uma saudação ao orixá Omolú, nos batuques dos rituais das religiões afro-brasileiras.
BERIMBAU	Bantu	Arco musical, instrumento indispensável na capoeira, constituído por um arco de madeira retesado por um fio de arame, com uma cabeça presa ao dorso da extremidade inferior e cuja caixa de percussão é a barriga (CASTRO, 2001).
CABOCLO	Indígena/povo-de-santo	Designação genérica dada à personificação de espíritos indígenas brasileiros, também cultuados pelos iniciados ao lado das divindades africanas, mas tidos na categoria de “entidades nobres”, não de “santos” (CASTRO, 2001).

⁸ A palavra pode ser entendida considerando três aspectos: fonológico, sendo uma sequência fônica, que constitui uma emissão completa; gramatical (morfossintático) assume a função dos marcadores morfossintáticos que apresenta e a função que exerce na sentença e Semântico, que é a identificação da unidade léxica expressa no discurso (BIDERMAN, 2001, p. 104).

⁹ De acordo com Bizzocchi (2007), a importação lexical pode ser direta, a partir da própria língua criadora a palavra, ou indireta, quando aporta elementos lexicais de línguas nas quais tais elementos também são resultado de importação. A importação lexical aqui tratada refere-se à apropriação de lexias de uma língua por outra.

¹⁰ Denomina-se de aqui lexias de origem de línguas autóctones africanas o léxico pertencente às línguas africanas, a exemplo do umbundu, kimbundu e kikongo.

CACHAÇA	Bantu/português do Brasil	Aguardente que se obtém mediante a fermentação e destilação do mel ou borras do melaço; qualquer bebida alcóolica (CASTRO, 2001).
CANJICA	Bantu/fala corrente regional da Bahia	Papa de milho verde ralado a que se junta com leite de coco, açúcar, cravo e canela (CASTRO, 2001).
CARURU	Bantu/português do Brasil	Iguaria feita a base de quiabo cortado, temperado com camarões secos, dendê, cebola e pimenta (CASTRO, 2001).
FORRÓ	Bantu/português do Brasil	Arrasta-pé, farra, folia (CASTRO, 2001).
FUMO-DE-ROLO	Formação brasileira/ fala corrente regional da Bahia	Folhas de tabaco embebidas em melaço de cana, prensadas com corda e enroladas em uma haste de madeira (CASTRO, 2001).
GANZÁ	Bantu/português do Brasil	Chocalho de bambu (CASTRO, 2001).
IAIÁ	Bantu/Kwa	Forma respeitosa de tratamento para mulheres jovens (CASTRO, 2001).
MANGAR	Bantu/português do Brasil	Zombar, troçar, vangloriando-se, caçar, afetando seriedade (CASTRO, 2001).
MUGUNZÁ	Bantu/português do Brasil	Milho debulhado, cozido com leite de coco, sal e açúcar (CASTRO, 2001).
NAGÔ	Kwa/povo-de-santo	Designação dada às comunidades religiosas afro-brasileiras que cultuam os orixás e utilizam uma língua litúrgica de base nagô (CASTRO, 2001).
OLORUM	Kwa/povo-de-santo	Deus supremo (CASTRO, 2001).
QUILOMBO	Bantu/português do Brasil	Povoação de escravos fugidos (CASTRO, 2001).
ROÇA	Formação brasileira (híbridos, decalques, derivados)/povo-de-santo	Local onde se encontra o terreiro. Terreno coberto de mato ou de pequena lavoura, afastado do centro urbano (CASTRO, 2001).
SAMBA	Bantu/povo-de-santo	Título de mamento; cerimônia pública de macumba; rezar, orar; ritmo musical; distrito do município de Luanda (CASTRO, 2001).
SENZALA	Bantu/português do Brasil	Alojamento que eram destinados aos escravos no Brasil (CASTRO, 2001).
SINHÁ	Formação brasileira/	Tratamento que era dado pelos escravos à sua senhora e ainda hoje é usado, de forma



	linguagem popular da Bahia	respeitosa, para mulheres e patroas (CASTRO, 2001).
XANGÔ	Kwa/povo-de-santo	Orixá dos raios e do trovão, rei-herói do povo. Pessoa perturbada, agressiva. Nome genérico das religiões afro-brasileiras em Pernambuco e Alagoas, e onde elas se realizam (CASTRO, 2001).

Fonte: elaborado pelos autores (2022).

O quadro acima mostra algumas lexias que são de origem de línguas autóctones africana em uso pela comunidade de fala, isto é, corrobora com o pressuposto de que as línguas nativas da África contribuíram de forma significativa para a formação do português brasileiro. Salienta-se que todos os verbetes são dicionarizados por Castro (2001; 2002), exceto “*abaú*” que, pelo contexto em que foi empregada, sugere uma utilização em rituais religiosos, uma saudação a um orixá; logo, presume-se que pertença à língua-de-santo, à linguagem religiosa afro-brasileira.

Somente na entrevista de um participante foi observada uma quantidade de 20 lexias de origem de línguas autóctones africana, no entanto, pelo fato de o presente trabalho apresentar limitações em sua estrutura, foram selecionadas quatro delas para análise: *cachaça*, *mangar*, *roça* e *samba*

CACHAÇA: Castro (2001) mostra que a lexia é de origem bantu, refere-se à aguardente que é obtida mediante a fermentação e destilação do mel ou borras do melaço; qualquer bebida alcóolica. De acordo com Alkmim e Petter (2008), essa lexia foi atestada no inventário de Macedo Soares (1954-1955 [1875-1888]) e Beaurepaire (1956 [1889]), não diferindo da aceção de Castro (2001), que é utilizada nos dias atuais.

MANGAR: grande parte dos verbos do português brasileiro é proveniente do latim, no entanto, a lexia “*mangar*” trata-se de um verbo de origem bantu, mais precisamente, do kikongo “*mannga*” que se refere à ação de vangloriar-se de coisas recebidas e injúrias aos outros (CASTRO, 2001, p. ?).

Ainda de acordo com Castro (2001), a lexia está dicionarizada no dicionário Aurélio. No que se refere à sua utilização na comunidade de fala, observa-se que está sendo empregada de forma coerente ao seu significado tradicional: zombar, caçoar, como mostrado na fala do participante: “É todo mundo saía ele ficava ali ói... sentado sem se mover, porque veio **mangar** se você não gosta pra que vai?” (PARTICIPANTE X, p. 74).

ROÇA: a lexia tem formação brasileira, mas está fortemente ligada ao povo-de-santo. De acordo com Castro (2001), refere-se ao local em que se encontra o terreiro, pode referir-se ainda a um terreno coberto de mato ou de lavoura, geralmente, distante do centro urbano (CASTRO, 2001).

Essa formação brasileira pode ser conferida por meio de hibridismos, decalques ou derivados. Muitas vezes, esse processo de integração sugere um novo aspecto sobre o léxico utilizado, como uma tradução literal, união de léxicos de origens diferentes ou uma derivação.

A utilização dessa lexia pelo participante mostra que está de acordo com a segunda aceção dada por Castro (2001), isto é, refere-se ao local em que se pode plantar e colher, cultivar os frutos da terra. Assim fala o participante: “Maré e meu pai plantava **roça**

também tendeu? (aí a... a..) ajuntava tudo e dali a- a gente ia vivendo né? vivendo e eu ajudando eu-eu comecei a pescar também com dez ano (PARTICIPANTE X, p. 39).

SAMBA: em sua acepção tradicional, Castro (2001) mostra que tem sua origem no kikongo e kimbundu, mas pode exercer significados diferentes, a depender do contexto em que é empregada. Pode designar um título de mãe, de sacerdotisa; pode referir-se a uma cerimônia pública de macumba¹¹; rezar; orar. Ainda pode compreender uma dança ou ritmo musical; festividade barulhenta acompanhada de dança; cerimônia religiosa; confusão; barulho.

Documentador: e a senhora fazia esse projeto? Fala um pouquinho sobre esse projeto Brasil Sonora (ou) Sonora Brasil.

Informante: Brasil é esse projeto, foi o pessoal do SESC que fez um projeto com.. com o governo federal pra aqueles... aqueles grupo mais formoso mais equipado mais né? Ele botou o esse projeto daqui de Sergipe só teve o **samba** de Pareia que é esse... esse (INFORMANTE X, p. 21).

Assim, é possível observar que a *lexia* está sendo utilizada de acordo com a acepção de Castro (2001), tratando-se de um ritmo musical, associado ao um projeto de musical desenvolvido na comunidade e que colocou o samba da região em evidência.

A *lexia*, de acordo com Assis Júnior (1947), pode referir-se ainda a um topônimo, isto é, um distrito pertencente ao município de Luanda, povoado e sede do posto de Ambica, distrito do Kwanza - Norte. Entretanto, sua utilização no português brasileiro leva a reflexão de que a *lexia* é comumente empregada por diferentes comunidades de fala, sobretudo, na acepção de festividade.

Embora as *lexias* analisadas tenham apresentado os sentidos tradicionais encontrados nos dicionários, é importante ressaltar que, assim como afirma Bonvini (2008, p.33), as línguas africanas foram submetidas a possíveis rupturas semânticas e dialógicas. A ruptura semântica foi a mais sentida, uma vez que os sentidos das palavras se tornaram cada vez mais obsoletos, isto é, não refletiam mais a realidade africana. A ruptura de ordem dialógica refere-se ao contato inabitual das línguas autóctones africanas com novas línguas convivendo num mesmo espaço.

Diante disso, é possível perceber que o contato entre a língua portuguesa e as línguas autóctones africanas transplantadas para o Brasil contribuiu também para a semântica do português brasileiro, visto que houve mudança nos sentidos de algumas palavras, bem como promoveu o convívio da língua portuguesa, trazida pelos colonizadores com as línguas indígenas e africanas.

Considerações finais

A variação do português que hoje é falada no Brasil foi formada pela participação de outras línguas, como as indígenas que já existiam no país e as autóctones africanas, transplantadas para cá durante o tráfico negreiro.

¹¹ De acordo com Castro (2001), é uma denominação genérica para as manifestações religiosas afro-brasileiras de base congo-angola.

Diante dos dados apresentados, foi possível evidenciar que o léxico de origem africana está presente no português brasileiro e sendo utilizado frequentemente pela comunidade de fala. Isso confirma o pressuposto de que o contato linguístico ocorrido entre as línguas contribuiu de forma significativa para a identidade linguística do Brasil.

Embora existam alguns trabalhos acerca da participação da cultura e das línguas africanas na constituição social e linguística do Brasil, considera-se ainda que exista uma carência no que se refere a investigações e materiais teóricos sobre o léxico de base africana presentes no português brasileiro, uma vez que ainda há muito a se analisar e discutir.

De acordo com os dados apresentados, conclui-se que a contribuição dos povos africanos que chegaram ao Brasil foi importante para a composição da língua nacional, haja vista que acrescentou novas unidades lexicais para suprir as necessidades de comunicação em terras brasileiras, essas lexis foram inseridas nos mais diversos campos como, por exemplo, na toponímia, culinária, cultura e religião.

Referências

ALKMIM, Tania; PETTER, Margarida. Palavras da África no Brasil de ontem e de hoje. In: FIORIN, José Luiz; PETTER, Margarida(Org.). *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 145-178.

ALMEIDA, Denilza Viana de. *Aspectos da escravidão urbana no Sergipe oitocentista: mercado, conflitos e poder local (1850-1870)*. Orientador: Prof. Dr. Carlos de Oliveira Malaquias. Monografia. Universidade Federal de Sergipe: São Cristóvão, 2017.

AMARAL, Sharyse Piroupo do. *Um pé calçado outro no chão: liberdade e escravidão em Sergipe*. Salvador: EDUFBA, p. 201-259, 2012.

ANTUNES, Irandé. O léxico de uma língua. In: ISQUERDO, Aparecida Negri (Orgs.). *O território das palavras: estudo do léxico em sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012, p. 27-49.

ASSIS JUNIOR, Aantónio de. *Dicionário Kimbundu-Português Linguístico, Botânico, Histórico e Corográfico seguido de um índice alfabético dos nomes próprios*. Luanda: Argente, Santos e Comp., 1947.

BARBOSA, Rosane de Assis. *Memória de um lugar: danças e festejos na produção do patrimônio em Mussuca e Laranjeiras-SE*. 79f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Seropédica, 2014.

BEAUREPAIRE-ROHAN, Visconde de. *Dicionário de vocabulário brasileiro*. Salvador: Livraria Progresso, 1956 [1889].

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do Léxico. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de. (Org), *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2 ed. Campo Grande: Ed UFMG, 2001, p. 13-22.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Glossário. *ALFA: Revista de Linguística*, 1984, p. 135-144.

BIZZOCCHI, Aldo. Gênese lexical nas línguas européias ocidentais: a influência greco-latina e o perfil ideológico do léxico. *Revista Letra Magna*, v. 6, n. 4 p. 2 – 12, 2007. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno03-07.html#:~:text=A%20importa%C3%A7%C3%A3o%20lexical%20pode%2C%20por,ta mb%C3%A9m%20s%C3%A3o%20resultado%20de%20importa%C3%A7%C3%A3o.> acesso em 02 ago. 2022.

BONVINI, Emilio. Os vocabulários de origem africana na constituição do português falado no Brasil. In: FIORIN, José Luiz; PETTER, Margarida. (Org.) *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 101-144.

CARMO, Sura Souza. Cotidiano escravo nos engenhos de açúcar em Sergipe oitocentista: uma análise da historiografia sergipana. V Congresso Sergipano de História e V Encontro Estadual de História da AMPUH/SE. O Brasil na historiografia de Felisbello Freire: Reflexos na pesquisa e no ensino em história. *Anais eletrônico*, outubro de 2016. Aracaju.

CASTRO, Yeda Pessoa de. *A influência das línguas africanas no português brasileiro*. Secretaria Municipal de Educação-Prefeitura da Cidade de Salvador, p. 3-12, 2005.

CASTRO, Yeda Pessoa de. *A língua mina-jeje no Brasil*. Um falar africano em Ouro Preto no século XVIII. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro/Séc. de Estado da Cultura, 2002.

CASTRO, Yeda Pessoa de. *Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.

COSTA, Ramon Diego Fonseca. *Ensino religioso e cultura afro-brasileira: estudo de caso na comunidade Quilombola Mussuca/Laranjeiras-Sergipe*. 2020. 162f. Dissertação (mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2020.

COUTO, Hildo Honório. Onomasiologia e semasiologia revisitadas pela ecolinguística. *Revista de estudos da linguagem*, v. 20, n. 2, p. 183-210, 2012.

FRANÇA, Evanilson Tavares. *O “Jeito que o Corpo Dá”*: práticas culturais e práticas curriculares numa roda de samba de pareia. (Tese de doutorado) - Universidade Estadual de Campinas: Campinas, 2021.

LIMA, Marcelo Rangel. *O engenho criativo da Mussuca: desenvolvimento e cultura no campo negro de Laranjeiras, Sergipe*. 2019. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2019.

LUCCHESI, Dante. História do contato entre línguas no Brasil. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan (Orgs). *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 41-73.



MACEDO SOARES, António Joaquim. *Dicionário brasileiro da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1954-1955 [1875-1888].

MIRANDA, Fernando Goncalves; BARBOSA, Márcia Guimarães *Memória das árvores: um estudo etnoarqueológico na Mussuca (Laranjeiras/SE)*. 2018.

PETTER, Margarida Maria Taddoni. A influência das línguas africanas no português brasileiro. In: Mello, H.; Altenhofen, C.; Raso, T. (orgs.). *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2011.

PETTER, Margarida Maria Taddoni. A Tabatinga revisitada: a manutenção de um léxico de origem africana em Minas Gerais (MG-Brasil). *Moderna språk*, v. 107, n. 1, p. 89-100, 2013.

PETTER, Margarida Maria Taddoni. *Variedades linguísticas em contato: português angolano, português brasileiro e português moçambicano*. 2008. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Tese (Livre Docência em Linguística) – FFLCH/USP.

PETTER, Margarida. As línguas no contexto social africano. In: PETTER, Margarida. *Introdução à Linguística Africana*. São Paulo: Contexto, 2016, p. 193-120.

PETTER, Margarida; CUNHA, Ana Stela. Línguas africanas no Brasil. In: PETTER, Margarida. *Introdução à Linguística Africana*. São Paulo: Contexto, 2016, p. 221-250.

REY-DEBOVE, Josette. Léxico e dicionário. *Alfã (Araraquara)*. São Paulo, v. 28, p. 45-69, 1984.

SANTOS, Layse Glória Lima. *Políticas públicas de EJA no campo no povoado quilombola Mussuca, município de Laranjeiras – Sergipe. 2016*. 60f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Federal de Sergipe - Departamento de Educação, São Cristóvão, 2016.

SOUSA, Antônio Lindvaldo. *Temas de história de Sergipe II*. São Cristóvão: Universidade, 2010.

SOUZA, Marcos Antônio de. *Memória Sobre a Capitania de Sergipe*. Governo de Sergipe. Aracaju: 1943.